

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM LÍNGUA PORTUGUESA:
ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Wanilza Soares Fofano de Almeida

**A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM E DO LETRAMENTO
ESCOLAR COMO INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

Belo Horizonte

2012

Wanilza Soares Fofano de Almeida

**A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM E DO LETRAMENTO
ESCOLAR COMO INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa: Ensino de Leitura e Produção de Textos, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*, da Faculdade de Letras / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Maria Antonieta Pereira

Belo Horizonte

2012

Wanilza Soares Fofano de Almeida

**A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM E DO LETRAMENTO
ESCOLAR COMO INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Língua Portuguesa: Ensino de Leitura e Produção de textos, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Maria Antonieta Pereira

RESUMO

ALMEIDA, Wanilza Soares Fofano de. **A importância da utilização da linguagem e do letramento escolar como instrumento para a construção da cidadania.** 32 fls. Monografia – Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

Este estudo teve por finalidade investigar a importância da utilização da linguagem e do letramento escolar como instrumento para a construção da cidadania, devido ao panorama emergente e crescente situação na qual vivemos onde a linguagem, o letramento escolar e a inclusão digital na escola interferem, assim como sempre interferiram, como instrumento para a construção de cidadãos críticos e participantes da sociedade. Buscou-se retratar a relação do letramento com a inclusão social, o espaço dedicado à diversidade textual na sala de aula e como essa diversidade é necessária para uma formação mais crítica do aluno; verificar a visão dos alunos com relação à importância do letramento, da cidadania e da inclusão social e também o uso e a importância da tecnologia como ferramenta de ensino para formação dos alunos. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que apropriou de técnicas de coleta de dados como a pesquisa bibliográfica, a observação e o questionário, utilizando-se para isso, observação em sala de aula de uma turma de 1º ano do Ensino Médio, assim como a atuação de uma professora nesta turma. Os questionários foram dirigidos a vinte e sete alunos e à professora de Língua Portuguesa desta turma. Esse estudo fundamentou-se em autores como Freire, Soares, Ferreiro, Levy dentre outros, que há muito vem contribuindo com discussões inerentes ao letramento escolar, a alfabetização, à linguagem e a utilização de tecnologias como ferramenta pedagógica em contextos escolares. Através da análise e discussão dos dados foi possível perceber que o letramento escolar e a utilização de tecnologias interferem muito na formação dos alunos como cidadãos críticos e participantes da sociedade e que sem essa formação eficiente os alunos saem sem preparação crítica para a vida assídua na sociedade. O principal desafio interposto a essa prática eficiente relaciona-se com a dificuldade encontrada pelo profissional da educação no sentido de falta de equipamentos, e principalmente do desinteresse dos alunos com a leitura.

PALAVRAS-CHAVE: letramento, linguagem, tecnologia e formação de cidadãos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. QUESTÃO	7
2.1. Hipóteses	7
3. OBJETIVOS.....	7
3.1. Geral:	7
3.2. Específicos:.....	7
4. METODOLOGIA	8
4.1. Abordagem, Instrumentos, Procedimentos e Amostra.....	8
4.2. Contextualização do Locus de Investigação e Caracterização dos Sujeitos Pesquisados	9
5. REFERENCIAL TEÓRICO	10
5.1. Alfabetização	10
5.2. O letramento	11
5.3. Letramento e inclusão social.....	17
6. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	19
7. CONCLUSÃO	26
8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	27

1. INTRODUÇÃO

Percebe-se cada vez mais que a linguagem é utilizada pela classe dominante para incutir na classe dominada valores e hábitos que podem lhes favorecer em todos os aspectos, querem sejam eles culturais, econômicos, sociais e políticos.

Optou-se pelo tema considerando que a linguagem é, desde os tempos mais remotos, a forma mais utilizada pelo homem para a sua inter-relação com o outro e por esta se constituir em instrumento de alienação, ideologia e construção da cidadania. Assim sendo, há necessidade de se saber como essa é utilizada para manutenção do poder e como a escola deve agir preparando os alunos para o exercício da cidadania, pois, parafraseando Freire podemos afirmar que “a linguagem é uma forma de libertação”.

Retomando a tese defendida por Freire, os estudos sobre o letramento reconfiguraram a conotação política de uma conquista – a alfabetização - que não necessariamente se coloca a serviço da libertação humana. Muito pelo contrário, a história do ensino no Brasil, a despeito de eventuais boas intenções e das “ilhas de excelência”, tem deixado rastros de um índice sempre inaceitável de analfabetismo agravado pelo quadro nacional de baixo letramento.

Atuando em escolas públicas há pouco menos de uma década tenho percebido que os processos de alfabetização, em muitas das vezes, centram-se em ensinar a decifrar os símbolos, lendo-os e escrevendo-os, mas que o letramento, a inclusão das tecnologias educativas e a criticidade de nossos alunos ficam aquém do processo de ensino e que são trabalhados por poucos ou por nenhum dos docentes.

Para entendimento desse processo que engloba linguagem, alfabetização, uso das novas tecnologias educativas e letramento na construção da cidadania recorrem, nesta pesquisa, a autores como: Freire, Soares (1998, 2002, 2003 e 2008), Ferreiro, dentre outros.

Diante disso, acreditamos que pesquisar e conscientizar os educadores através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, sobre este dilema é um desafio, porém uma prática necessária, pois somente o conhecimento aprofundado de todos os mecanismos da sociedade é que promove e desperta no cidadão a

necessidade de se ter conhecimento para não ser enganado, ludibriado e nem se converter em massa de fácil manipulação.

2. QUESTÃO

A problemática deste trabalho girou em torno das seguintes questões: Como se dá, no interior da escola, a construção da cidadania? Como professores entendem o letramento em relação à sua disciplina? A inclusão digital facilita o letramento?

2.1. Hipóteses

- O professor utiliza de aulas diversificadas, usa as tecnologias educativas faz de seu aluno um sujeito crítico, só que, o desinteresse do aluno desestimula o processo de ensino/ aprendizagem.
- O professor se apega em decifrar símbolos, não fazendo de seu aluno um sujeito crítico.
- Usando das tecnologias educativas, o professor consegue com maior facilidade, ter um interesse maior de seus alunos, no processo de ensino/ aprendizagem.

3. OBJETIVOS

3.1. Geral:

Analisar o ensino e a prática de leitura relacionada ao letramento e a linguagem, na promoção do exercício da cidadania no ambiente escolar e a possibilidade da inclusão social, na Escola Estadual Alice Loureiro em Viçosa.

3.2. Específicos:

- Analisar, por meio do referencial teórico citado, a relação do letramento com a inclusão social;
- Observar o espaço dedicado à diversidade textual na sala de aula;

- Verificar a visão dos alunos sobre o significado de letramento, cidadania e inclusão social;
- Verificar o uso e a importância da tecnologia da educação, na formação desses sujeitos.

4. METODOLOGIA

4.1. *Abordagem, Instrumentos, Procedimentos e Amostra*

Visando compreender como se dá a importância da linguagem e do letramento na formação da cidadania, foi necessária a inserção neste campo para um contato direto com os sujeitos e sua prática, com seu ambiente de trabalho, oportunizando-se verificar o funcionamento dessas práticas nesse contexto.

Para atingir os objetivos propostos na referente pesquisa, e por compartilhar com muitos estudiosos que uma transformação só acontece a partir de reflexões, do olhar focado na realidade, mas com um suporte teórico é que neste estudo optou-se por uma pesquisa qualitativa. .

Orientada pela abordagem qualitativa, como técnicas para a coleta dos dados relativos às práticas do letramento, alfabetização e linguagem na formação da cidadania, nesta pesquisa elegeram-se a observação e o questionário como instrumentos de investigação.

Os caminhos metodológicos das Ciências Sociais e Humanas são muitos, assim como também são muitas as ferramentas e as técnicas de investigação. Definir uma metodologia significa escolher um caminho e as ferramentas que nos ajudarão a desbravar esse caminho. Muitos fatores influenciam nessa escolha, mas nenhum deles atua mais intensamente do que a experiência vivida. Assim como o viajante que adquire conhecimento com as suas viagens, entende-se que o pesquisador também aprende a pesquisar pesquisando, como mostra o diálogo entre Paulo Freire e Myles Horton, a seguir.

A questão, para mim, é como é possível que nós, no processo de fazer o caminho, estejamos conscientes do nosso próprio

processo de fazer o caminho, e possamos deixá-lo claro a quem nos vai ler. Isto é, esclarecer algumas questões teóricas sobre a ótica mais ampla da educação. Isso é necessário. Mas não me preocupo em ter agora a lista dessas questões, porque acho que elas irão surgindo da própria conversa. (FREIRE e HORTON, 2003, p.38)

Neste sentido, pretende-se trabalhar com a pesquisa de abordagem qualitativa, por ser uma abordagem que admite a influência e a contradição, além de recobrir um campo transdisciplinar, envolvendo ciências humanas e sociais. E, principalmente, por que procura o sentido do fenômeno estudado tanto quanto interpreta os significados que as pessoas dão a eles.

Esta pesquisa contou como instrumentos de coleta de dados a utilização de questionário (em anexo). Este serve para determinar as características desse grupo em função de algumas variáveis predeterminadas, individuais ou grupais. Foi aplicado o questionário a todos os alunos da turma em questão e a professora da turma.

Também como coleta de dados utilizou-se um roteiro de observação a qual teve duração de um mês no local de trabalho de um dos sujeitos da pesquisa.

Objetivando confrontar teoria e prática, nesta pesquisa a amostra constituiu-se de uma turma de 1º ano do Ensino Médio com 28 alunos e de 1 professor que atuam respectivamente em escola da rede pública estadual de Viçosa/MG, localizada no distrito de Silvestre, na Escola Estadual “Alice Loureiro”.

Por fim, se fará uma análise crítica e ampla dos dados coletados, certificando a complexidade dos dados obtidos e relacionando-os à revisão bibliográfica que embasa a pesquisa. A análise é entendida como “um processo complexo, não linear, que implica um trabalho já na fase exploratória e acompanha toda a investigação.” (MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER; 1998 p. 170)

4.2. Contextualização do Lócus de Investigação e Caracterização dos Sujeitos Pesquisados

Para verificar a importância da linguagem e do letramento escolar na formação da cidadania buscou-se observar e pesquisar uma turma de 1º ano do

Ensino Médio e de 1 professor que atua respectivamente em uma escola da rede pública estadual de Viçosa/MG, localizada no distrito de Silvestre.

A turma de 1º ano do ensino médio possui 27 alunos. A idade desses alunos varia entre 15 e 18 anos.

A professora observada e pesquisada tem 55 anos de idade, é graduada a em Letras/Inglês, possui pós-graduação, doutorado em Literatura Inglesa, há 20 anos atua na rede pública estadual lecionando a disciplina Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

O GRÁFICO 1 sintetiza o perfil dos sujeitos (alunos) pesquisados.

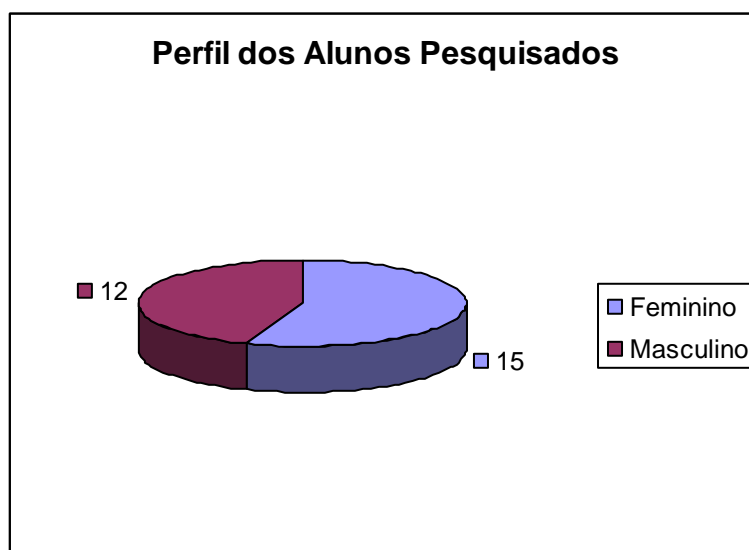


GRÁFICO 1 – Perfil dos alunos pesquisados

Fonte: Resultados da Pesquisa

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1. Alfabetização

Desde final do século XIX a alfabetização foi apresentada como proposta de ensino e esclarecimento do conhecimento que instigava as práticas de leitura e escrita, sendo referida, muitas vezes, como uma nova política econômica e social. Buscaram-se inúmeras forma/métodos para alfabetizar. Nesta época, o método utilizado em sala de aula fundamentava-se no positivismo criado por João de Deus, apresentado por Antônio da Silva Jardim em São Paulo na década de 1880.

Inúmeros métodos foram criados e utilizados desde então, tais como: os sintéticos, os analíticos e os analíticos sintéticos. Outro método surgido nas décadas de 1960 foi o “método Paulo Freire”, o qual surge dando ênfase a alfabetização de adultos, fundamentado na cidadania linguística.

Soares (2003) explicita que o termo alfabetização sempre foi entendido como uma forma restrita de aprendizagem do sistema da escrita, entendendo se hoje que este que aprende simplesmente escrever é visto como um alfabeto funcional, denominação dada àqueles que foram alfabetizados, mas não sabem fazer uso da escrita e da leitura em suas diversas formas.

Ferrero (1999) assinala que tendo em vista algumas modificações culturais, econômicas e sociais que se processaram nas sociedades contemporâneas, observamos, sobretudo, a partir de meados do século XX, uma mudança no que, durante um bom tempo, consideramos como sendo alfabetização. Se até o início do século XX bastava que o sujeito assinasse o nome para ser considerado alfabetizado, com o passar do tempo, essa denominação careceu de maiores especificações.

Os conceitos de alfabetização e letramento ressaltam duas dimensões importantes da aprendizagem da escrita. De um lado, as capacidades de ler propriamente ditam, e, de outro, a apropriação efetiva da língua escrita: “(...) aprender a ler e a escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua e a propriedade.” (SOARES, 1998, p. 39).

5.2. O letramento

Muitas definições aparecem na literatura brasileira, também em outras, a cerca do significado de letramento. No entanto essas definições não chegam a ser exatamente o conceito, mas sim variadas ênfases que são dadas a esse termo.

O termo letramento surgiu no Brasil em meados dos anos 1980, que buscava trazer em seu bojo uma nova concepção de aprendizagem.

Na pesquisa incessante sobre o assunto e para a melhoria da qualidade de ensino, emergem variados pontos de vista com relação ao letramento e alfabetização.

Vários autores se dispuseram a pesquisar sobre o assunto a partir dessa época, e conforme explicita Soares (2003), letrar é mais que alfabetizar, é mediar o ensino da leitura e da escrita dentro de um contexto onde esses façam sentidos e parte da vida de quem o faz, principalmente do aluno.

Ainda idem autora, coloca que o letramento é um sentido ampliado da alfabetização explicitando que:

A entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Além disso, o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de frequentar revistas, livrarias, e com esse convívio efetivo com a leitura, apropriar-se do sistema de escrita. (SOARES, 2003)

Para Silva (2005) o letramento é o reconhecimento de que a apropriação dos processos de leitura e escrita pelos indivíduos pressupõe além da codificação e decodificação dos signos linguísticos e do reconhecimento de seus aspectos fonológicos a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. “O uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita” (SOARES, 2004, p. 14), que seria, segundo a autora, o letramento.

Comum com autora acima, também consideram que letramento é a prática de leitura e escrita conforme explicita Kleiman (1995) apud Soares (2002, p. 144)

Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Em texto posterior, a autora declara entender letramento como as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita. (SOARES, 2002, p. 144)

Kato (1995) apud Anjos (2010, p. 4) define o letramento em um poema.

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som
enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.
Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.
São notícias sobre o presidente
O tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.
É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados
colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.
É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes
amigos.
É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.
Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.

Neste poema verifica-se como o letramento é enfatizado ao estado ou condição de quem se envolve nas mais variadas práticas de leitura e escrita.

Dentre alguns estudos do letramento têm como objeto de conhecimento os aspectos e os impactos sociais do uso da língua escrita (KLEIMAN, 1995).

Matêncio (2002) apud Pansini e Zibetti (2009, p. 123) expõe o letramento “visto a partir de uma perspectiva ampla e histórica, vinculado, ao conjunto de práticas discursivas, formas de usar a linguagem e fazer/retirar sentido pela fala e pela escrita, que se relacionam à visão de mundo das comunidades, suas crenças e valores particulares”.

Para poder ler e escrever, o aluno precisa reconhecer e usar componentes relativos ao domínio do código, como a segmentação em palavras e frases, as correspondências regulares de som-letra, as regras ortográficas, o uso de maiúsculas, assim como componentes relativos ao domínio textual, tais como o conjunto de recursos coesivos de conexão, de relação temporal, de relação causal. Nada disso seria relevante se o aluno não conseguisse também atribuir sentido aos textos que lê e escreve segundo os parâmetros da situação comunicativa (BRASIL, 1997) “seleção de procedimentos de leitura em função dos diferentes objetivos e interesses do sujeito (estudo, formação pessoal, entretenimento, realização de tarefa) e das características do gênero e suporte” (BRASIL, 1998, p. 57).

Enfatizando-se ainda, o que seja letramento Rocco (1989) assinala que letramento é o exercício efetivo e competente da escrita e implica habilidades, tais como a capacidade de ler e escrever para informar ou informar-se, para interagir, para ampliar conhecimento, capacidade de interpretar e produzir diferentes tipos de textos, de inserir-se efetivamente no mundo da escrita, entre muitas outras.

Percebe-se assim que a capacidade da compreensão dos variados tipos de textos que existem hoje e também a facilidade em escrevê-los é o que se chama de letramento.

Na prática do letramento é necessário mobilizar os diversos tipos de saberes, valores, significados, recursos e tecnologias.

Portanto, além do conhecimento sobre as letras, o professor precisa ensinar a seus alunos, ao mesmo tempo, a linguagem que se usa para escrever os diferentes gêneros. E a forma de Ensinar isso é trazendo para dentro da sala de aula a diversidade textual que existe fora. É lendo para eles – em situações onde essa leitura faça sentido – os mais variados textos. (FUNDESCOLA/SEF MEC, 2000, p.9)

Na área da educação, há muitos professores, pesquisadores, que vem buscando cada vez mais desenvolver uma nova prática que se constitua eficiente no aprendizado dos alunos.

Os alunos chegam à escola trazendo alguns conhecimentos linguísticos, textuais e até mesmo já com alguma inserção no mundo da produção e recepção de

diferentes gêneros textuais. Torna-se necessário então que o descobrimento do código da escrita alfabética seja feito por meio de procedimentos que orientem no estabelecimento de relações entre o que já sabem e aquilo que estão aprendendo, facilitando-se a utilização da sua linguagem experiencial.

Nesta busca constante de desenvolvimento de novas práticas de alfabetização e letramento, eis que surgem inúmeros projetos de letramento, do qual Kleiman (2000) cita que constitui como “um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade” (KLEIMAN, 2000, p. 238)

Segundo Rocco (1989) para uma prática educativa comprometida com o letramento, esta não se deve restringir somente a atividades dirigidas aos alunos, mas sim na desfragmentação dessas atividades de ensino em sala de aula. Para o pleno desenvolvimento das potencialidades dos aprendizes é primordial que a ação educativa se baseie em orientação teórico-metodológica, que se definam os objetivos do ensino, a organização do trabalho pedagógico, o tipo de abordagem que se quer dar ao conhecimento e, por fim, que se considere a realidade sociocultural dos alunos e o contexto da escola.

Assim visto, faz-se necessário uma formação do profissional da educação embasada na qualidade do ensino, que se preocupe não somente com o aprender a ler e escrever, mas ao ensino que seja capaz de mediar o aprendizado contextualizado, em que o aluno através da leitura e da escrita perpassa por tudo que aconteça ao seu redor e que faça parte da sua vida. Que este ensino, ajude o aluno a conhecer e reconhecer os mais variados estilos literários, e que seja também capaz de escrevê-los.

Eis a preocupação com os cursos de Pedagogia e de Letras, que formam estes profissionais que vão auxiliar os alunos nos seus primeiros aprendizados, que estes cursos visem ao letramento profissional por meio da explicitação de modelos ressignificados em projetos formando professores cujo perfil corresponde ao de um agente social: um indivíduo que se destaca pelas suas capacidades mobilizadoras

dos recursos e conhecimentos das comunidades (nesse caso, de aprendizes) em que atua, segundo Kleiman (2006).

Outro ponto também muito discutido hoje referente ao letramento e a alfabetização, são os conhecimentos e as trocas desses conhecimentos advindos das tecnologias, como a televisão, as rádios, a internet, através das redes sociais, dos blogs, dos sites de busca, vídeos, etc.; surgem como mais uma variação linguística, em que o ensino precisa se adaptar para fazer bom uso desses.

Pierre Lévy tem defendido a participação em comunidades virtuais como um estímulo à formação de inteligências coletivas, às quais os indivíduos podem recorrer para trocar informações e conhecimentos (Lévy, 1998, 1999, 2001 e 2002) "Podemos ver os primeiros anos da web", diz ele, "como uma fase embrionária, evoluindo através de seus antepassados culturais: revistas, jornais, shoppings, televisões etc. Mas hoje já há algo inteiramente novo, uma espécie de segunda onda da revolução interativa que a computação desencadeou: um modelo de interatividade baseado na comunidade, na colaboração muitos-muitos" (Johnson, 2001).

As diversas formas de comunidades virtuais, as comunidades móveis, a explosão dos blogs e wikis, a recente febre das redes sociais como o Orkut e o Facebook são prova de que o ciberespaço constitui um fator crucial no incremento do capital social e culturais disponíveis (Rheingold 2002, Costa 2002).

Como diz, Pereira (2010)

“Na verdade, tais possibilidades pedagógicas já poderiam estar sendo amplamente desenvolvidas a partir do próprio computador que é, sobretudo, uma máquina de ler e escrever. Se houvesse uma política pública realmente voltada para a tão propalada “inclusão digital”, já teríamos proporcionado a muitos jovens em fraco processo de analfabetismo funcional a chance de experimentarem a língua portuguesa escrita de forma adequada às suas experiências na sociedade da informática.” Continuando sua fala, “Se é verdade o que disse Freire- que devemos partir da realidade do aluno para alcançar, junto com ele, leituras pertinentes do texto e do mundo- então não dá mais pra ignorar a revolução da informática.”(PEREIRA, 2010, p. 23)

Têm-se hoje vários problemas de analfabetismo funcional, por conta de aprendizes totalmente desinteressados nas escolas, “As novas tecnologias de comunicação podem favorecer modos de organização mais flexíveis, mais transversais, mais hipertextuais, mas isso não é automático.” (Levy 2010).

Confirmando a tese, reforça Martina Roth em entrevista para revista Nova Escola:

“No momento em que se oferecem computadores às crianças e aos professores – e o Brasil já está começando a fazer isso -, há duas situações possíveis. O docente pode usar o computador apenas para preparar o material para as aulas. Mas ele também pode se valer da tecnologia para estabelecer uma metodologia diferente, um novo tipo de relação com o aluno, muito mais personalizado... A tecnologia permite o trabalho individual e em grupo de maneira eficaz”. E ainda continua: “Formar jovens aptos a lidar com as novas exigências deste século é uma meta que só será alcançada com uma transformação sistêmica da Educação”.

5.3. Letramento e inclusão social

A escola deve ter como metas preparar o aluno para a vida, qualificá-lo para a cidadania, capacitá-lo para o aprendizado permanente. De acordo com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997), estar formado para a vida significa:

[...] mais do que reproduzir dados, dominar classificações ou identificar símbolos. Significa saber se informar, comunicar-se, argumentar, compreender e agir; enfrentar problemas de diferentes naturezas; participar socialmente, de forma prática e solidária, ser capaz de elaborar críticas ou propostas; e especialmente adquirir uma atitude de permanente aprendizado. (PCN's, 1997, p. 9)

Os PCN's apresentam uma preocupação a respeito da atuação do indivíduo na sociedade; promovendo um contato com uma língua que vise a ampliar a percepção do aprendiz em relação a si mesmo e ao outro, a sua capacidade de engajamento discursivo, desenvolvendo a consciência de que a linguagem também é uma prática social. Cristóvão e Nascimento ponderam (2006):

Nossa crítica se estende à prática da escrita como reprodução exclusivamente. Entendemos a necessidade da cópia com fins de caligrafia e da sintetização das idéias principais de um texto por meio do uso da paráfrase, mas a produção escrita de forma criativa e original é fundamental para nossa atividade de expressão e de construção de conhecimento. Conhecimento é produto da ação, e construído na ação. (CRISTÓVÃO E NASCIMENTO, 2006, p. 46)

Para que a produção escrita se dê de forma criativa, para que os alunos possam se tornar cidadãos capazes de utilizar a linguagem a seu favor é necessário que estes tomem conhecimento da língua como ação desempenhada na sociedade, por ela e para ela.

A leitura como um instrumento de inclusão, propõe um espaço de participação efetiva, fomentando o desenvolvimento de leitores independentes, críticos, proficientes. Por outro, propicia ao aluno um espaço em que ele possa ser sujeito ativo e engajado no processo de construção de conhecimento de forma significativa (KLEIMAN; MORAES, 2006).

Valendo-se das idéias de Assmann (1998, p. 71) podemos afirmar que a prática pedagógica precisa ajudar os aprendizes a aceitar, celebrar e entender as formas, sutis, surpreendentes, com as quais os processos de linguagem se entrelaçam e se enraízam nos processos cognitivos neuronais e, por isso mesmo, constituem e manifestam processos de vida e de conhecimento numa unidade inseparável. Esta tese básica acerca da unidade entre processos cognitivos e processos vitais é o ponto de arranque de uma série de revisões conceituais na pedagogia.

Continuando as suas reflexões o mesmo autor afirma que informação e conhecimento se transformam no fator produtivo mais relevante no contexto da mundialização das economias, é certamente inegável que o acesso à informação e o conhecimento, ou seja, a transformação de todos em aprendizes, passou a ser uma condição para participar dos frutos do progresso tecnológico e, conseqüentemente na busca por uma sociedade mais humana, “através da criticidade, da consciência e da capacidade de buscar por mudanças significativas que possam propiciar a todos o acesso a uma vida com mais qualidade e dignidade” (grifo da autora).

Reforçando os dizeres de Assmann, temos em Bakhtin (1981) que:

A concepção dialógica é a de que a linguagem se constitui em um fenômeno social e histórico, portanto ideológico, tendo como base a enunciação como fruto da interação entre sujeitos socialmente instituídos. Para Bakhtin, a linguagem se realiza na comunicação entre o locutor e o ouvinte, já que procede de uma pessoa e se dirige para outra. Essa interação, entendida aqui como enunciação, sempre será determinada por seu contexto social e pela ideologia subjacente. Isso significa que, no processo discursivo, o falante traz em seu discurso as marcas de sua identidade social impregnadas de crenças e valores, o que determinará a sua ação discursiva. (BAKHTIN, 1981, p.98 e 109)

Valendo-se ainda das ideias do autor pode entender que a comunicação é um produto da interação social, já que se constrói sempre em resposta a um enunciado anterior e está à espera de uma resposta posterior. Nessa relação, encontram-se os sujeitos produtores, EU e TU, e estão em jogo a ação sobre o outro e as relações de poder lançadas por essa interação (BAKHTIN, 1981, p. 98-99).

A capacidade de estabelecer objetivos na leitura é considerada uma estratégia meta cognitiva, estratégia de controle e regulamento do próprio conhecimento e reflexão sobre este. O conhecimento metacognitivo é desenvolvido ao longo dos anos e a leitura motivada conduz à aprendizagem significativa e eficaz. É essa leitura de mundo que os discentes precisam fazer para ser capaz de entender o que está implícito na linguagem da mídia, dos meios de comunicação, de nossos governantes e da classe dominante (KLEIMAN, 1995).

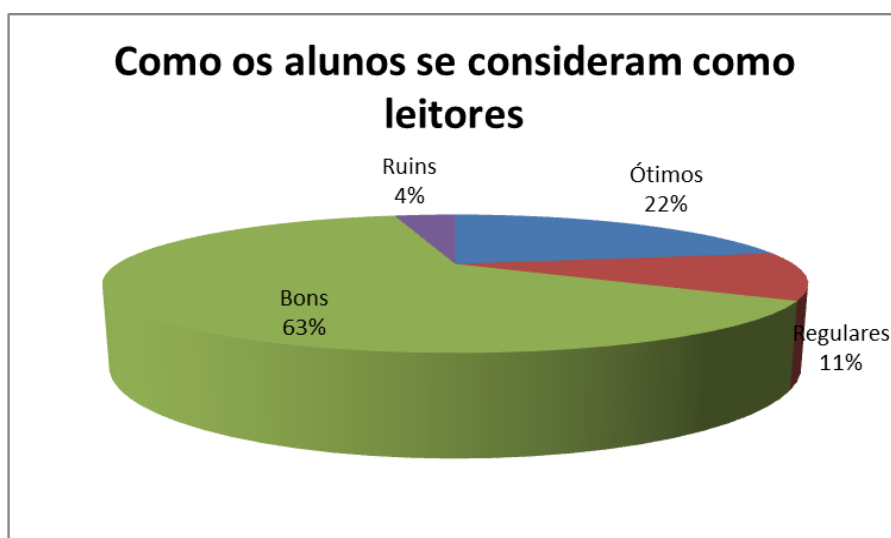
6. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Como resultado da pesquisa obteve um número de 27 (vinte e sete) alunos pesquisados e uma professora do 1º ano do Ensino Médio.

Através do questionário foram feitas 16 perguntas aos alunos, nas quais obtivemos os seguintes dados:

Na questão sobre o que os alunos esperam da escola 21(vinte e um) alunos responderam que pretendem prestar vestibular, o restante, 6 (seis) só pretendem terminar o Ensino Médio.

Tratando-se de sua avaliação como leitores, 6 (seis) responderam que se consideram ótimos, 3 (três) regulares, 1(um) ruim e 17 (dezesete) se consideram bons leitores. Nesta questão as respostas se opõem com as outras respostas em que expõem que tem preguiça de ler e conforme nas observações foi percebido que eles não leem nem quando é solicitado pelo professor como atividade avaliativa. Os dados são exibidos no **Gráfico 2** a seguir.



Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Gráfico 2 – Como os alunos se consideram como leitores

Na questão 3, sobre quais são as maiores dificuldades que encontram para lerem, 5 (cinco) acham a interpretação, 7(sete) os significados das palavras, 4(quatro) a desatenção e 12 (doze) a preguiça. Conforme ilustra **Gráfico 3** abaixo.



Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Gráfico 3 – Dificuldades para ler

Aqui percebemos que muitas vezes os alunos encontram-se como analfabetos funcionais por serem desinteressados na escola ou mesmo por falta da utilização, em salas de aula, de atividades que envolvam os alunos contextualmente, com variação de gêneros linguísticos, utilização de novas tecnologias e de atividades que façam parte da vida habitual dos alunos provocando um interesse maior para com a leitura.

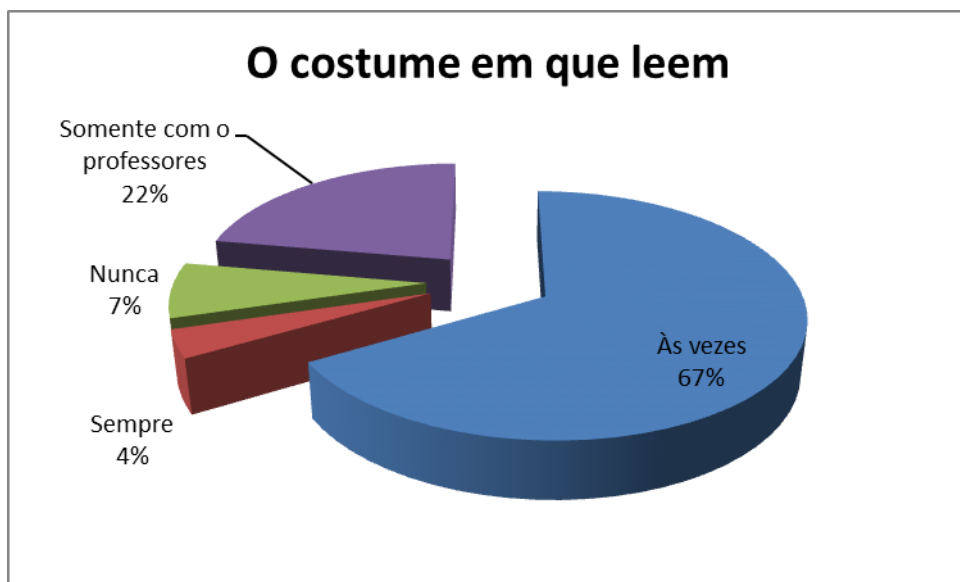
Como apreendemos anteriormente o letramento centra-se em ensinar a decifrar os símbolos, lendo-os e escrevendo-os, mas além de tudo a inclusão das tecnologias educativas, a fazer uso de diversos tipos de textos para que ele se aproprie do hábito de buscar um jornal para ler, de frequentar bibliotecas, livrarias, e com esse convívio efetivo com a leitura, apropriar-se do sistema de escrita.

Também conforme visto Kleiman (1995) que considera metacognitiva a capacidade de estabelecer objetivos de leitura, a qual se dá coo estratégia que é desenvolvida ao longo dos anos do aprendiz, pois assim a motivação da leitura conduz uma aprendizagem significativa, fazendo com que a leitura de mundo torne-o capaz de entender o que está implícito na linguagem da mídia, e em todos os espaços de convivência do aluno.

Sobre a preferência em ler, 8 (oito) preferem livros, 7 (sete) gibis, 5 (cinco) revistas e 11(onze) e-mails. Nesta questão nos reporta como os alunos preferem o uso de ferramentas como o computador no seu hábito de leitura, mas a variedade

de texto a qual procuram ler é muito pequena, focalizando sempre e-mail, redes sociais, jogos.

O costume em que leem, 18 (dezoito) só às vezes, 1 (um) sempre, 2 (dois) nunca e 6 (seis) só com o professor, conforme ilustra o **Gráfico 4**.



Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Gráfico 4 – O costume com o qual lêem

Mais uma vez nestes dados é demonstrado o desinteresse por parte dos alunos a procurarem pela leitura, muitas vezes isso acontece pela falta de incentivo até mesmo do meio no qual foram criados, a falta de exemplos em casa e até mesmo na escola pela falta de diversificação de atividades.

A frequência com que vão à biblioteca obteve respostas como: 18 (dezoito) vão às vezes, 1 (um) sempre, 2 (dois) nunca e 6 (seis) só com o professor.



Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Gráfico 5 – Frequência com que vão à biblioteca

Infere-se neste item também o desinteresse e talvez a necessidade de incentivo maior por parte dos professores em promoverem atividades que necessite da visita à biblioteca.

Sobre o local em que preferem ler, 12 (doze) no quarto, 9 (nove) na escola e 7 (sete) ao ar livre.

O instrumento que mais gostam de escrever, 9 (nove) de lápis, 14 (quatorze) com caneta e 8 (oito) no computador.

Sobre o acesso à tecnologia, aqui se entende o computador e a internet, 26 (vinte e seis) tem acesso e somente 1 (um) não. Fica claro aqui, que mesmo que na escola encontra dificuldade para acesso aos computadores e até mesmo à internet, os alunos encontram facilidade de acesso em casa ou outros lugares que não a escola. Assim torna-se fácil dinamizar atividades de pesquisa de diversos gêneros textuais, apesar de que foram notificados que os alunos têm muita preguiça e desinteresse em realizar atividades em casa.

Sobre um autor que leram e gostaram, foi citado, Chico Buarque, Machado de Assis, Jorge Amado, Clarisse Lispector, Waldir Pedro, José Vasconcelos, o restante respondeu que não se lembram do nome do autor.

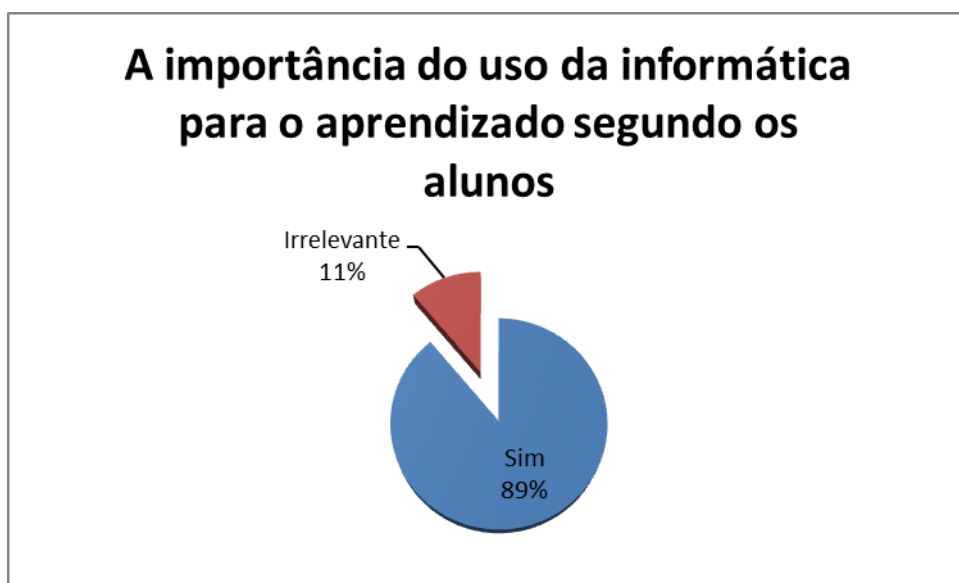
O último livro que leram O Corcel Negro, Os papéis de Lucas, Comédias para se ler na escola, Prometeu acorrentado, Fala sério, Noites de tormenta, entre outros, a maioria respondeu que não se lembra.

Em relação a como concebem a tecnologia como ferramenta educativa, o acesso às informações consideraram: 17(dezessete) acham que é bom e 9 (nove) que é regular.

Se possuem computador, 22 (vinte e dois) responderam que sim e 4 (quatro) que não.

Quando perguntados se o professor faz uso da sala de informática todos responderam que é pouco usada. Novamente traz à tona o pouco uso da informática como uso da tecnologia em sala de aula.

Os alunos também responderam que consideram importante o uso da informática para seu aprendizado, 24 (vinte e quatro) responderam que sim e 3 (três) acham irrelevante.



Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Gráfico 6 – A importância do uso da informática para o aprendizado segundo os alunos

Na pergunta sobre a maior dificuldade do professor, 11 (onze) responderam que não explica bem a matéria, 4 (quatro) que é muito nervoso, 8 (oito) que as aulas são sempre iguais e 6 (seis) que não domina a turma.

Maior dificuldade do professor segundo os alunos



Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Gráfico 7 – Maior dificuldade do professor segundo os alunos

No questionário feito à professora as respostas foram, tem a tentativa de motivar os alunos a lerem mais, ela se considera uma boa professora, a maior dificuldade em lecionar são o desinteresse, a desatenção e a indisciplina dos alunos, estes não tem interesse pela leitura, usa as tecnologias educativas como vídeos, data show e sala de informática, quando possível, das atividades de pesquisa na internet, acha importante o uso destas tecnologias, às vezes leva os alunos à biblioteca e os gêneros textuais que mais usa são jornais e revistas, para diversificar suas aulas.

7. CONCLUSÃO

De acordo com a pesquisa realizada ficou evidente de como é importante o letramento, a alfabetização e a inserção de tecnologias na formação dos aprendizes para serem cidadãos conscientes, críticos e participantes da sociedade, mas para isso é necessário que o letramento seja praticado como se deve, com utilização de vários gêneros textuais aliado ao uso de tecnologias e de atividades que sejam contextualizadas e que façam parte da vida desses alunos.

Com a observação das aulas, percebeu-se que a professora é altamente competente, dinâmica, tem o domínio do conteúdo e tenta fazer o uso das tecnologias educativas, mas que mesmo assim encontra muitas dificuldades principalmente no que diz respeito a muita insatisfação pelos alunos.

As dificuldades encontradas no ensino são muitas, tais como equipamentos, no caso o computador sem manutenção; somente um aparelho de data show para toda a escola.

Em disparidade com a observação foi identificado que os alunos não responderam o questionário de acordo com a realidade observada em sala.

Quanto a livros lidos e autores, percebeu-se que os alunos não leem nem quando o professor avalia.

Em perguntas numa conversa informal, percebe-se que alguns alunos nunca leram um livro. Estes chegam ao Ensino Médio sem o letramento adequado, sem domínio da leitura, por falta de interesse próprio. Não porque os professores antigos e atuais não deram ou dão suporte para uma boa formação como aluno e cidadão. Juntamente a isto o desinteresse pela leitura há uma alta taxa de indisciplina.

A professora tenta incentivar, mas os alunos não correspondem. As tarefas, atividades de sala e pesquisas para casa não são feitas. Este desinteresse é por qualquer gênero textual.

Quando a professora programa uma aula diversificada, usando de tecnologias educativas tem um maior interesse da turma. Os alunos ficam mais atentos e participativos, diminuindo assim a indisciplina.

Em comum acordo com Pierre Lévy que defende a participação em comunidades virtuais como um estímulo à formação de inteligências coletivas, às quais os indivíduos podem recorrer para trocar informações e conhecimentos, vê-se o interesse dos alunos pelos computadores e internet nas respostas do questionário, mas a sala de informática é só uma para toda escola e só existem três computadores em funcionamento, o que dificulta para os professores a utilização destes em sala de aula.

Percebemos que a professora tenta levar os alunos, não só os com defasagem, a um maior interesse pela leitura, tornando-se assim cidadãos mais críticos, mas não consegue.

Da sala observada entre 27(vinte e sete) alunos, apenas 4 (quatro), dois meninos e duas meninas, são interessados, são leitores assíduos pelo menos de sites de notícias. Estes são participativos, bons leitores, com uma boa disciplina, não fazem só as tarefas dadas pela professora. Percebe-se nestes alunos uma visão crítica de tudo que lêem e que são altamente letrados. O restante dos alunos não opina em nada, não tem visão crítica de nada debatido, assim são cada vez mais alienados e com dificuldades de interpretação, com isso não conseguem ser formadores de opinião.

A dificuldade encontrada na escola com relação ao letramento dos alunos está ligada a uma junção de fatores como falta de interesse na leitura pelos alunos, falta de equipamentos, falta de manutenção dos equipamentos existentes e outros.

Visto que atualmente os alunos têm maior interesse em gêneros ligados a informática, os professores poderiam praticar mais com os alunos a leitura de diversos gêneros que não somente nos livros tradicionais, sendo que até mesmo estes, são encontrados para serem lidos on-line.

8- REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANJOS, André Gustavo Cosme dos. O letramento na educação: muito além de um método. 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-letramento-na-educacao-muito-alem-de-um-metodo/37648/> Acesso em 10 de dezembro de 2012.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação** - Rumo à Sociedade Aprendiz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BAKTHIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. Martins Fontes: SP, 2003.

BENCINI, R. **Todas as leituras**. Nova Escola. Leitura, São Paulo, n. 194, p. 30-37, ago. 2006.

BRASIL. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília. MEC/SEF. 1997.

CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E.L. Gêneros Textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo. In KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros Textuais**: reflexões e ensino. 2ª. Rio de Janeiro: Lucerna 2006.

COSTA, Rogério da; A Cultura Digital, Publifolha, 2002.

FERREIRO Emilia. et al. **Piaget e Vygotsky. Novas contribuições para o debate**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª. Ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Horton, Myles. **O caminho se faz caminhando: Conversas sobre educação e mudança social**, Petrópolis, RJ, Vozes, 2003

KLEIMAN Ângela, **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Pontes. Campinas, 1995.

KLEIMAN Ângela e MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade. Tecendo redes nos projetos da escola.** São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

MATÊNCIO, M.L. M; **Leitura, produção de textos e a escola:** Reflexões sobre o processo de letramento. Campinas. São Paulo, Mercado de letras, 2000.

MORAES R. **Uma tempestade de luz:** a compreensão possibilitada pela análise textual qualitativa. Porto Alegre:PUCRS; 2002. (Mimeo).

PEREIRA, M.A. Televisão, computador e educação. **Presença Pedagógica.** v.16 n.91, 2010.

LÉVY, Pierry. A Inteligência Coletiva. São Paulo: Loyola, 1998.

_____ (1999). Cibercultura. São Paulo: Editora 34.

_____ (2001). A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34.

_____ (2002). Cyberdémocratie. Paris: Odile Jacob.

ROCCO, M. T.F. Entre a oralidade e a escrita. In: DIEZICH, Mary Julia Martins (org). **Espaços da linguagem na educação.** São Paulo: Humanitas, 1999.

ROTH, Martina. Deve-se buscar o bom uso da tecnologia. **Nova Escola.** 2011.

SILVA, Claudia Maria de A. Alfabetização: é preciso fazer valer. **Biblioteca on-line do Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos (CEREJA).** Disponível<http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/Claudia%20Maria%20ASilva_0ut2005.pdf >. Acesso em 10 jul. 2008.

SOARES, M. T.**Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autentica, 1998.

_____ Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação,** vol. 25, 2004. Disponível em <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE25/RDBE25_03_MAGDA_SOARES.pdf>. Acesso em 7 ago. 2008.

_____ (2002). Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**. Campinas, n. 81, Dezembro 2002.

_____ (2003). Alfabetização: a ressignificação do conceito. *Alfabetização e Cidadania*, n. 16, p 9-17, jul.

_____. O que é letramento. *Diário do grande ABC*. Santo André, SP. 2003. Disponível em <http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf> Acesso em 23 de fevereiro de 2012.

ANEXO I

Questionário dos alunos:

1- O que você espera da escola?

- a- Terminar o Ensino Médio;
- b- Prestar vestibular;
- c- Conseguir um emprego.

2- Você se considera como leitor ?

- a- Ótimo;
- b- Bom;
- c- Regular;
- d- Ruim.

3- Quais são suas dificuldades para ler ?

- a- Interpretar;
- b- Significado das palavras;
- c- Desatenção;
- d- Preguiça.

4- O que prefere ler ?

- a- Livros;
- b- Gibi;
- c- Revistas;
- d- E-mails.

5- Quando costuma ler ?

- a- As vezes;
- b- Sempre;
- c- Nunca;
- d- Só com a professor.

6- Quando vai à biblioteca?

- a- As vezes;
- b- Sempre;
- c- Nunca;
- d- Só com a professor.

7- Onde prefere escrever ?

- a- No quarto;
- b- Na escola;

- c- Ao ar livre.
- 8- Assinale o instrumento que usa para escrita:
- a- Lápis;
 - b- Caneta;
 - c- Computador.
- 9- Gostaria de ter mais acesso as tecnologias?
- a- Sim;
 - b- Não.
- 10- Indique um autor que leu e gostou:
- 11- Qual o ultimo livro que leu ?
- 12- Como é seu acesso as informações ?
- a- Bom;
 - b- Regular;
 - c- Ruim.
- 13-Você possui computador ?
- a- Sim;
 - b- Não.
- 14- Seu professor faz uso do laboratório de informática?
- a- Muito;
 - b- Pouco;
- 15- Você considera a informática para seu aprendizado:
- a- Importante;
 - b- Irrelevante.
- 16- Qual a maior dificuldade que vê no professor ?
- a- Não explica bem a matéria;
 - b- É muito nervoso;
 - c- As aulas são sempre iguais;
 - d- Não domina a turma.

ANEXO II

Questionário do professor:

- 1- Suas aulas motivam o interesse da leitura?
 - a- Sim;
 - b- Não.

- 2- Você se considera um bom Professor ?
 - a- Sim;
 - b- Não.

- 3- Qual é sua maior dificuldade em lecionar ?
 - a- Domínio do conteúdo;
 - b- Atenção e interesse dos alunos;
 - c- Diversificar suas aulas;
 - d- Dominio das tecnologias educativas;
 - e- Indisciplina.

- 4- Como considera seus alunos leitores?

- 5- Em suas aulas, qual ou quais tecnologia(s) da educação utiliza?
 - a- Laboratório de informática;
 - b- Data show;
 - c- Retro projector;
 - d- Pesquisas na internet.

- 6- O que, na sua aula, é mais relevante para o aluno?
 - a- Pesquisas em livros;
 - b- Uso do livro didático;
 - c- Pesquisa na internet;
 - d- Explicação oral.

- 7- Considera a informática para suas aulas:
 - a- Importante;
 - b- Irrelevante.

- 8- Quando leva seus alunos à biblioteca?
 - a- Às vezes;
 - b- Nunca;
 - c- Sempre.

9- Domina bem o computador?

- a- Sim;
- b- Não.

10- Quais ou qual gênero(s) textual(is) mais usa em suas aulas?